

**O SEXO QUE A GENTE VÊ NA TEVÊ:
ENTRE O PECADO, O INSTINTO E O CONTROLE POLÍTICO**

**THE SEX WE SEE ON TV:
BETWEEN SIN, INSTINCT AND POLITICAL CONTROL**

Jeferson Bertolini

Doutorando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina

Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: jefersonbertolini@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda o sexo em três grandes rubricas: *o pecado* (embargo moral e religioso), *o instinto* (a disposição natural ao prazer) e *o controle político* (a sexualidade na mira do poder). O campo de análise é a tevê brasileira (foco em telenovelas), pela influência no público e pelo debate que suscita nos lares. O objetivo é refletir sobre o sexo - tema que costuma ser visto como assunto íntimo, em vez de meio para controle social. O texto é baseado em observação de telenovelas e levantamento bibliográfico. Usa técnica interdisciplinar para associar temas da Comunicação Social, Antropologia, História, Psicologia e Filosofia. O texto conclui que a telenovela brasileira colabora com a ideia de *pecado* (sobretudo quando valoriza a contrição religiosa); provoca o *instinto* (ao apresentar cenas picantes para cativar uma audiência sedenta por sexo); e amplifica o *controle político* (ao estimular entre o público o sexo normalizado).

Palavras-chave: Sexo. Pecado. Instinto. Controle Político. Telenovela. Mídia

ABSTRACT

This article looks at sex in three topics: sin (moral and religious modesty), instinct (the natural disposition to pleasure) and political control (sexuality controlled by the government). The analyzed field is the Brazilian soap operas. The objective is to reflect about sex, a topic that opposes taboo and pleasure, from the largest mass communication vehicle. The text is based on watching soap operas and literature. It uses interdisciplinary technique to associate themes of Social Communication, Anthropology, History, Psychology and Philosophy. The text concludes that the Brazilian soap operas collaborates with the idea of sin (especially when incites religious contrition); causes instinct (when presenting spicy scenes to captivate a thirsty audience by sex); and amplifies the political control (to stimulate among the public normalized sex).

Key-words: Sex. Sin. Instinct. Political control. Soap operas. Media

1 INTRODUÇÃO

Rodolfo Augusto, um costureiro cheio de trejeitos femininos, é considerado o primeiro personagem gay da telenovela brasileira. Foi interpretado pelo ator Ary Fontoura em *Assim na terra como no céu* (1970), da Rede Globo.

A partir de então, dezenas de histórias afins foram apresentadas nos folhetins da emissora. Algumas com desfecho preocupante, como quando a audiência rejeitou o casal Rafaela e Leila e a direção de *Torre de Babel* (1998) precisou “explodir” um shopping para “matá-las”. Outras com resultados surpreendentes, como o beijo gay entre Félix e Niko em *Amor à Vida* (2014), que sensibilizou parte do país.

A homossexualidade¹ talvez seja o assunto mais explorado pela telenovela brasileira entre os temas relacionados ao sexo, mas não é o único: já se falou em hermafroditismo, transformismo, fetichismo, voyeurismo, incesto, masoquismo, abstinência, virgindade etc.

Falar de sexo na tevê costuma ser uma tarefa espinhenta: de um lado há a ideia do *pecado*, do pudor, a resistência àquilo que escapa ao tolerado e que “diz respeito” só ao casal²; de outro há o *instinto*, o interesse biológico pelo sexo, o prazer em assistir cenas picantes ou a curiosidade pelas “anormalidades”.

Nos dois casos, no entanto, é preciso considerar que a telenovela suscita debates, coloca o tema na rotina da família, obrigando-a a falar sobre o assunto. O resultado, às vezes, é o fim de ignorâncias e preconceitos.

Deve-se ressaltar que, exercendo influência na audiência, como mostram teorias clássicas da comunicação³, a tevê pode se converter em veículo a serviço do *controle político*, o que é altamente perigoso. Tal controle está ligado ao poder e opera de forma sutil: de um lado, busca disciplinar o corpo dos indivíduos; de outro, tenta regular comportamentos da população inteira (no caso do sexo, significa ditar bons costumes; desencorajar hábitos tidos como arriscados; incitar ou desestimular o sexo, com vistas ao controle da natalidade ou ao equilíbrio da aposentadoria; inibir o sexo que não busca a reprodução etc).

Este artigo procura pensar o sexo sob três rubricas, citadas anteriormente: *o pecado* (embargo moral e religioso, com Le Goff e outros autores), *o instinto* (a disposição natural ao sexo, com Freud) e *o controle político* (o sexo na mira do poder, com Foucault).

A escolha do tema se deve ao fato de o sexo ser visto como *assunto de ordem íntima*, quando na verdade é *meio para controle social*. A partir do sexo surgem políticas de povoamento, família, casamento; define-se hierarquização social, propriedade; criam-se intervenções permanentes no nível do corpo, das condutas, da saúde, da vida cotidiana.

O texto é baseado em observação de telenovelas da Rede Globo, a maior emissora do país. Não há delimitação de tempo, gênero televisivo, horário de exibição etc. Recorre-se à memória do “eu telespectador”, em um processo subjetivo de pesquisa.

O manuscrito também é baseado em levantamento bibliográfico, que “permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto” (FONSECA, 2002, p. 32). E usa técnica interdisciplinar, adotada “sempre que topamos com uma nova disciplina cujo lugar não está traçado no grande mapa dos saberes” (POMBO, 2007, p. 6), para associar temas da Comunicação Social, da Antropologia, da História, da Psicologia e da Filosofia.

O artigo está dividido em quatro partes. A primeira busca mostrar como o sexo, sobretudo na Idade Média, foi enquadrado na categoria pecado. A segunda usa a obra de Freud para falar do sexo no âmbito do instinto e do prazer. A terceira recorre a Foucault para tratar do controle do sexo pelo poder. A quarta cita momentos marcantes dos movimentos sociais sobre o sexo, a partir dos anos 1970.

O texto conclui que a telenovela brasileira colabora com a ideia de pecado (sobretudo quando valoriza a contrição religiosa); provoca o instinto (ao apresentar cenas picantes para cativar uma audiência sedenta por sexo); e amplifica o controle político (ao estimular entre o público o sexo normalizado).

2 O PECADO

A ideia de sexo como pecado tornou-se mais evidente na Idade Média (entre os séculos V e XV). O cristão ocidental via o corpo como um inimigo por ele ser o veículo do pecado original e de outros pecados provenientes do desejo sexual. “Ora, se, conforme pensa a Igreja, o supremo objetivo do destino humano é alcançar o céu, e se o céu só se alcança evitando os pecados, o corpo tem que ser rechaçado, mantido à distância, manietado, punido” (GULLARD, 1994, p. 8).

Le Goff e Truong (2006, p. 29-48) dizem que muitas de nossas mentalidades e comportamentos foram concebidos na Idade Média, por isso ainda há entre nós uma ideia forte de pecado. Para eles, a Igreja transformou o pecado original em pecado sexual.

É possível afirmar que o corpo sexuado da Idade Média é majoritariamente desvalorizado, e as pulsões e o desejo carnal são amplamente reprimidos. O próprio casamento cristão, que aparece, não sem dificuldade, no século XIII, será uma tentativa de remediar a concupiscência. A cópula só é compreendida e tolerada com a única finalidade de procriar. A homossexualidade, após ter sido condenada, depois tolerada, a ponto de constituir-se, no século XII, em uma cultura "gay" no próprio seio da Igreja, torna-se, a partir do século XIII, uma perversão por vezes associada ao canibalismo (LE GOFF, TRUONG, 2006, p. 41).

Matthews-Grieco (2012) acrescenta que a partir do século XV houve a reabilitação do corpo humano e a promoção do casamento. Isso corresponde ao começo de um longo período de preocupações demográficas, assim como a manifestação de atenções novas em relação ao corpo e à sexualidade. Essas últimas mudanças foram motivadas pela Reforma (moral e religiosa). “Do começo do século XV até meados do século XVII, a Europa ocidental esforçou-se para desenvolver uma visão do corpo e da sexualidade que fosse compatível com a ordem social, o respeito pela religião e o crescimento da população” (ibid, p. 218).

No final do século XVII, as convicções culturais referentes à importância do amor nas relações conjugais, assim como a legitimação médica do prazer físico como expressão natural do corpo e dos laços afetivos dos indivíduos, começaram a impor-se e a facilitar a expressão de práticas sexuais alternativas.

A autora observa que a cultura da Renascença e do Antigo Regime (entre o fim da Idade Média e a Revolução Francesa, em 1789) fixava identidades sociais e sexuais lícitas e ilícitas às pessoas, segundo critérios que variam com a classe social, a idade, o sexo, as normas médicas e matrimoniais. “As fronteiras do lícito (normativo ou tolerado) e do ilícito (desviante ou intolerável) mudavam continuamente, segundo o contexto sociocultural e os valores da comunidade vizinha” (ibid, p. 220).

Gélis (2012) diz que, por estar no centro do mistério cristão, o corpo é uma referência permanente para os cristãos dos séculos modernos. Segundo o autor, a fé e a devoção ao corpo de Cristo contribuíram para elevar o corpo a uma alta dignidade, fazendo dele um sujeito da história. Mas existe outra imagem do corpo, igualmente cheia de sentido, que é a imagem do humano pecador. “Mais do que o corpo, é precisamente da carne que se fala. Assim, o desejo sexual é anguilhão da carne e a relação sexual obra da carne, comércio carnal” (GÉLIS, 2012, p. 20).

O autor observa que o cristianismo é a única religião na qual Deus se inscreveu na história tomando forma humana, e que isso torna o corpo o eixo do mundo. “Tristemente sexuado, verminado para sempre, voltado à corrupção e encerrando em si esta alma, o corpo não pode, na melhor das hipóteses, passar de um instrumento a serviço da salvação, salvação pessoal e salvação comunitária que se confundem” (ibid, p. 133).

Corbin (2009) diz que o católico encontra-se impregnado de imagens do corpo de Cristo, da Virgem Maria, dos santos mártires e dos anjos. O autor lembra que o cristianismo, diferentemente de outras religiões monoteístas, se fundamenta na encarnação da divindade. Isso coloca o corpo de Cristo no centro de crenças. Todos os elementos, como os pavores, as ternuras

da maternidade, os horrores do suplício, o suor de sangue na agonia, se refere diretamente à existência carnal. “Aprovado por Deus, que criou o ser humano à sua imagem, o corpo, receptáculo da alma, também é um templo apto a receber o corpo de Cristo no Sacramento da Eucaristia” (ibid, p. 59).

O autor lembra que o corpo pode ser visitado pelo demônio e suas tentações. Após o pecado pela concupiscência, o corpo escapa à força da vontade. Ele se manifesta fora mesmo de qualquer assentimento do ser em seu íntimo, como mostra a automaticidade da ereção e de outras manifestações do desejo. “Portanto, é preciso dominá-lo, desapegar-se dele, e escolher o Espírito Santo a fim de liberta-se, sobretudo dos pecados do orgulho, da gula e da luxúria; os dois últimos sendo uma ameaça, na verdade, de que o ser humano seja relegado ao status de animal” (ibid, p. 60).

3 O INSTINTO

Freud dizia que *a sexualidade humana é incompatível com a sociedade civilizada*. Isso explicaria o conjunto de controle a que o sexo foi exposto ao longo da história.

O sexo norteia toda a obra de Freud. Oferece explicações a comportamentos da primeira infância à fase adulta. Aqui elege-se apenas três ideias freudianas: (1) formação da sociedade, (2) prazer e desprazer e (3) teoria dos instintos.

A ideia de (1) formação da sociedade está em *Totem e Tabu* ([1912] 2012). Freud diz que a sociedade se forma quando o macho, pela necessidade genital, viu um motivo para conservar a fêmea junto a si; a fêmea, não querendo separar-se dos filhos, viu-se obrigada, no interesse deles, a permanecer com o macho mais forte. Os filhos, mais tarde, descobriram que uma combinação pode ser mais forte do que um indivíduo isolado. Assim, a cultura totêmica baseia-se nas restrições que os filhos tiveram de impor-se mutuamente, a fim de conservar esse novo estado de coisas. Os preceitos do tabu constituíram o primeiro direito ou lei.

Na perspectiva do autor, a vida comunitária teve um fundamento duplo: a *compulsão para o trabalho*, criada pela necessidade externa, e *o poder do amor*, que faz o homem relutar em privar-se de seu objeto sexual (a mulher) e a mulher em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada, o filho. Assim, o amor e a necessidade se tornaram também os pais da civilização humana.

Mencionaríamos então que a descoberta feita pelo homem de que o amor sexual (genital) lhe proporcionava as mais intensas experiências de satisfação, fornecendo-lhe, na realidade, o protótipo de toda felicidade, deve ter-lhe sugerido que continuasse a buscar a felicidade em sua vida seguindo o caminho das relações sexuais e que tornasse o erotismo genital o ponto central de nossa vida (ibid, p. 159).

A ideia de (2) prazer e desprazer está em *O mal-estar na civilização* ([1930] 1978). O argumento central do livro diz que o homem é guiado por instintos de prazer, mas que a realidade lhe impõe experiências de desprazer. O resultado é um mal-estar.

Freud diz que as duas principais técnicas da arte de viver dos humanos são o *amor* e a *beleza*. O amor é a modalidade de vida que faz do amor o centro de tudo, que busca toda satisfação em amar e ser amado. Uma das formas através da qual o amor se manifesta (o amor sexual) proporciona uma intensa experiência de prazer e fornece um modelo para nossa busca da felicidade (ibid, p. 145). A beleza tem a ver com felicidade. A felicidade na vida é buscada predominantemente na fruição da beleza, onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e nosso julgamento (a beleza das formas e a dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e a das criações artísticas ou mesmo científicas). “O homem predominantemente erótico dará preferência aos seus relacionamentos emocionais com outras pessoas; o narcisista, que tende a ser autossuficiente, focará suas satisfações principais em seus processos mentais internos” (ibid, p. 147).

Freud observa que a religião restringe esse jogo de escolha e adaptação porque impõe a todos o seu próprio caminho à aquisição da felicidade e à proteção contra o sofrimento. “Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e de deformar o quadro do mundo real de maneira delirante - maneira que pressupõe uma intimidação da inteligência” (ibid, p. 147).

A (3) teoria dos instintos está descrita em *Esboço da psicanálise* ([1938] 1978a). Ela tem a ver com *id* (obedece ao princípio do prazer; diz que todo desejo deve ser satisfeito), *ego* (obedece ao princípio da realidade; negocia com o id para ajudá-lo naquilo que deseja, sem causar danos) e *superego* (instância do julgamento, da culpa e da vergonha; controla o ego)⁴.

Para Freud, instintos são as forças que existem atrás das tensões causadas pelas necessidades do id. Há dois instintos básicos: eros (ou libido) e instinto destrutivo (ou instinto de morte). O objetivo do primeiro é unir. O do segundo é desfazer conexões, destruir coisas.

Nas funções biológicas, os dois instintos básicos operam um contra o outro ou combinam-se. Assim, o ato de comer é uma destruição do objeto com o objetivo final de incorporá-lo. O ato sexual é um ato de regressão com o intuito da mais íntima união. Modificações nas proporções podem influir nos resultados. “Um excesso de agressividade sexual transformará um amante num criminoso sexual, enquanto uma nítida diminuição no fator agressivo torná-lo-á acanhado ou impotente” (ibid, p. 202).

Freud diz que é difícil dizer algo do comportamento da libido no id e no superego. “Tudo o que sabemos sobre ela relaciona-se com o ego, no qual, a princípio, toda a cota disponível de libido é armazenada. Chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário” (ibid, p. 203).

O autor acrescenta que é errado pensar que o desenvolvimento da função sexual começa na puberdade (porque crianças demonstram interesse pelo sexo já na primeira infância) e que ela esteja a serviço da reprodução (porque há pessoas que se interessam pelo mesmo sexo; e porque há pessoas, classificadas como pervertidas, que usam os órgãos sexuais para outros fins, que não o sexo).

Na perspectiva do autor, os principais achados da psicanálise em relação ao sexo são: (a) a vida sexual inicia-se, com manifestações claras, logo após o nascimento; (b) é necessário fazer uma distinção nítida entre os conceitos de sexual e genital (o primeiro é o conceito mais amplo e inclui muitas atividades que nada têm que ver com os órgãos genitais); (c) a vida sexual inclui a função de obter prazer das zonas do corpo, função que, subsequentemente, é colocada a serviço da reprodução. As duas funções muitas vezes falham em coincidir completamente.

Freud entende que o desejo sexual ocorre em quatro fases, a partir da primeira infância: (1) oral, (2) anal, (3) fálica e (4) genital.

A (1) boca é o primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente após o nascimento. Inicialmente, toda a atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona. A persistência do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada de sexual, segundo o autor.

O (2) ânus refere-se a um sentimento de satisfação/agressão. Durante a fase oral já ocorrem impulsos sádicos, com o aparecimento dos dentes. Sua amplitude é maior na segunda fase, a anal-sádica, por ser a satisfação então procurada na agressão e na função excretória. “Nossa justificativa para incluir na libido os impulsos agressivos baseia-se na opinião de que o sadismo constitui uma fusão instintiva de impulsos puramente libidinais e puramente destrutivos, fusão que, doravante, persiste ininterruptamente” (ibid, p. 204).

O (3) falo impõe a meninos e meninas histórias diferentes. Ao iniciarem “pesquisa” sexual, ambos consideram a presença universal do pênis. Mas os caminhos divergem. O menino ingressa na fase edípica: começa a manipular o pênis e, simultaneamente, tem fantasias de executar algum tipo de atividade com ele em relação à sua mãe, até que, devido ao efeito combinado de uma ameaça de castração e da visão da ausência de pênis nas pessoas do sexo feminino, vivencia o maior trauma de sua vida, e dá início ao período de latência. A menina, depois de tentar em vão fazer as mesmas coisas que o menino, vem a reconhecer sua falta de pênis ou, antes, a inferioridade de seu clitóris, com efeitos permanentes sobre o desenvolvimento de seu caráter; como resultado deste primeiro desapontamento em rivalidade, ela com frequência

começa a voltar as costas inteiramente à vida sexual. “Seria um erro supor que essas três fases se sucedem de forma clara. Uma pode aparecer em aditamento a outra; podem sobrepor-se e podem estar presentes lado a lado.” (ibid, p. 206)

A (4) genital se conclui na puberdade. Estabelece-se um estado de coisas em que algumas catexias libidinais primitivas (concentração de energia em determinado objeto) são retidas, outras são incorporadas à função sexual como atos auxiliares, cuja satisfação produz o que é conhecido como pré-prazer, e outros impulsos são excluídos da organização e são ou suprimidos inteiramente (reprimidos) ou empregados no ego de outra maneira, formando traços de caráter ou experimentando a sublimação, com deslocamento de seus objetivos. Este processo nem sempre é realizado de modo perfeito. As inibições em seu desenvolvimento manifestam-se como os muitos tipos de distúrbio da vida sexual. Quando é assim, encontramos fixações da libido a condições de fases anteriores, cujo impulso, que é independente do objetivo sexual normal, é descrito como perversão.

4 O CONTROLE POLÍTICO

Foucault (2012) diz que o sexo está na articulação de duas tecnologias de poder que vigoram desde o século XVII: a disciplina, que busca controlar o corpo do indivíduo; e a biopolítica, que age no conjunto da população, regulando comportamentos. “De um lado, da parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia de energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz” (FOUCAULT, 2012, p. 158).

O autor observa que a partir do século XVI a humanidade foi incitada, pelo poder econômico e político, a falar de sexo no consultório médico, na escola e na Igreja. Tal processo intensificou-se a partir do século XVIII e abasteceu áreas como medicina, psicologia, psiquiatria, moral e pedagogia porque os discursos eram sob forma de análise, contabilidade, classificação e especificação.

Para Foucault, o sexo dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todos um micropoder sobre o corpo. Mas também dá margem a medidas maciças, a estimativas estatísticas, a intervenções que visam todo o grupo social.

O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. É por isso que, no século XIX a sexualidade foi esmiuçada em cada existência, nos seus mínimos detalhes; foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas

loucuras, seguida até os primeiros anos da infância. Mas vêmo-la também tornar-se tema de operações políticas, de intervenções econômicas (por meio de incitações ou freios à procriação), de campanhas ideológicas de moralização ou de responsabilização (...). De um polo a outro dessa tecnologia do sexo escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e o da regulação das populações (ibid, p. 159).

Foucault cita quatro grandes linhas de ataque ao longo das quais a política do sexo operou a partir do século XVIII: *histeria*, *masturbação*, *fetichismo* e *coito interrompido*; cada uma delas foi a maneira de compor as técnicas disciplinares com os procedimentos reguladores. Juntas, elas ajudaram a elaborar uma teoria geral do sexo⁵.

A *histeria* focou a mulher; no processo de histerização da mulher o sexo foi definido de três maneiras: como algo que pertence em comum ao homem e à mulher; como algo que pertence também ao homem por excelência e, portanto, faz falta à mulher; como o que constitui, por si só, o corpo da mulher, ordenando-o internamente para as funções de reprodução (ibid, p. 166)

A *masturbação* recaiu sobre a criança; elaborou-se a ideia de um sexo presente (em razão da anatomia) e de um sexo ausente (do ponto de vista da fisiologia); a masturbação revelaria o jogo entre presença e ausência, do manifesto e do oculto; foi um dogma da medicina dos séculos XVIII e XIX achar que a masturbação causaria esterilidade ou impotência mais tarde (ibid, p. 167).

O *fetichismo* diz respeito ao perverso. A partir do século XVI houve uma proliferação dos discursos sobre o sexo, e não uma interdição; nesse contexto, as diversidades sexuais, como os fetichistas, não foram suprimidas, mas expostas a uma realidade analítica, visível e permanente. “O fetichismo serviu de fio condutor à análise de todos os outros desvios, pois nele se lia claramente a fixação do instinto em um objeto à maneira da aderência histórica e da inadequação biológica” (ibid, p. 167).

O *coito interrompido* está inserido em um lapso entre as condutas procriadoras (ligadas às necessidades econômicas) e uma economia de prazer. Assim, o coito interrompido “representa o ponto em que a instância do real obriga a pôr termo ao prazer, e em que o prazer ainda consegue se manifestar, apesar da economia prescrita pelo real” (ibid, p. 168).

Na perspectiva de Foucault, *histeria* e *masturbação* se apoiaram em exigências de regulação sobre toda uma temática da espécie, da descendência e da saúde coletiva para obter efeitos ao nível da disciplina. Cita de exemplos o combate à sexualização das crianças (ameaça ao futuro dos adultos, da sociedade e da espécie); e a histerização das mulheres (levou à medicalização dos seus corpos, com vistas à solidez familiar e à salvação da sociedade). No caso

do *fetichismo* e do *coito interrompido* (controle da natalidade), diz que a intervenção era de natureza reguladora, apesar de apoiar-se na exigência de disciplinas e adestramentos individuais. “De um modo geral, na junção ente corpo e população, o sexo tornou-se o alvo central de um poder que se organiza em torno da gestão da vida, mais do que da ameaça da morte” (FOUCAULT, 2012, p. 160).

Foucault entende que ao longo da história houve a passagem da “sociedade do sangue” (honra da guerra, triunfos da morte, soberano com gládio, verdugo e suplícios, o poder de falar através do sangue, poder derramar o sangue, ter um certo sangue, ser do mesmo sangue, arriscar o próprio sangue) a uma “sociedade do sexo” (os mecanismos de poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que lhe faz proliferar) (ibid, p. 160).

O autor observa que a passagem da sociedade do sangue (ligada ao soberano) à sociedade do sexo (ligada à norma) não resume, por si só, as transformações que marcam o limiar da nossa modernidade. Entretanto, ele busca destacar a passagem de uma simbólica do sangue a uma analítica da sexualidade. “Não é difícil ver que, se há algo que se encontra do lado da lei, da morte, da transgressão e da soberania, é o sangue; a sexualidade está do lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e regulamentações” (ibid, p. 161).

Foucault diz que a analítica da sexualidade e a simbólica do sangue podem pertencer a regimes de poder bem distintos, mas não se sucederam sem justaposições, interações e ecos. Para o autor, o racismo em sua forma moderna, estatal e biologizante se forma nesse encontro. “Toda uma política do povoamento, família, casamento, educação, hierarquização social, propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes no nível do corpo, das condutas, da saúde, da vida cotidiana, receberam então cor e justificação em função da preocupação mítica de proteger a pureza do sangue e fazer triunfar a raça” (ibid, p. 163).

Foucault destaca que o capitalismo tem interesse pelo sexo alheio.

No cerne deste problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a ideia do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas e estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas. É verdade que já há muito tempo se afirmava que um país devia ser povoado se quisesse ser rico e poderoso. Mas é a primeira vez em que, de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo (ibid, p. 32).

O autor observa que a sexualidade se tornou, no século XIX, um campo cuja importância estratégica foi fundamental aos governantes.

Eu creio que, se a sexualidade foi importante, foi por uma porção de razões, mas em especial houve estas: de um lado, a sexualidade, como comportamento corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente (e os controles da masturbação exercidos sobre as crianças desde o fim do século XVIII até o século XX, e isto no meio familiar, escolar, etc); e depois, por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo, mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população (...). A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação (2010, p. 211).

Ele acrescenta que a valorização médica da sexualidade no século XIX se deveu a essa posição entre organismo e população, entre corpo e fenômenos globais. Vem daí, também, a ideia de que a sexualidade, quando indisciplinada e irregular, ameaça tanto o indivíduo, por conta das doenças, quanto à sociedade, pelas ameaças ao coletivo e por se supor que aquele que foi devasso sexualmente terá filhos devassos⁶.

Foucault (2010, p. 212) entendia que “a sexualidade, na medida em que está no foco de doenças individuais, e uma vez que está, por outro lado, no núcleo da degenerescência, representa esse ponto de articulação do (poder) disciplinar e do (poder) regulamentador, do corpo e da população”. Nesse contexto, a medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos reguladores (2010, p. 212).

No entender do autor, é a norma que ligará o disciplinar e o regulador. “A norma é o que pode tanto se aplica a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar. A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam a norma da disciplina e a norma da regulamentação” (FOUCAULT, 2010, p. 213). Nasce, daí, a sociedade da normalização. Trata-se de uma sociedade “em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação”. Isso diz respeito ao biopoder. Trata-se de um poder que “se incumbiu tanto do corpo quanto da vida, ou se incumbiu da vida geral, com o polo do corpo e o polo da população” (2010, p. 213).

Foucault (2015, p. 344) observa que a sexualidade passou a ser considerada “o lugar privilegiado em que nossa verdade profunda é lida, é dita”. Ele observa que “a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer *para saber quem és, conheças teu sexo*”. A confissão está neste contexto⁷. Ela é “o exame de consciência, toda uma insistência sobre os segredos (...). Foi uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação ao domínio de seus movimentos obscuros. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso⁸” (ibid, p. 344).

5 O MOVIMENTO LIBERTADOR

Em uma sociedade marcada pela ideia de *pecado*, que se vê obrigada a reprimir seus desejos e *instintos* e é submetida às regulações do *controle político*, o sexo ainda é tabu. Mas está em curso, desde o fim da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), um movimento global que busca o fim dessas amarras. Alguns destaques, segundo Thorpe et al (2015), são:

- a) A feminista francesa Simone de Beauvoir lança *O segundo sexo* (1949), obra na qual critica o domínio masculino e a subjugação feminina. Ela afirma que, dentro de um sistema cultural machista, *não se nasce mulher: torna-se mulher* (há uma obrigação cultural para se desempenhar este papel feminino). Beauvoir também chama a atenção ao apontar a diferença entre sexo (determina se alguém é biologicamente masculino ou feminino) e gênero (forças sociais que agem sobre alguém para que seja feminino ou masculino).
- b) A antropóloga norte-americana Margaret Mead (1901-1978) fez estudos em tribos do Pacífico e dizia que muitas diferenças entre machos e fêmeas eram determinadas culturalmente, e não biologicamente. Seus trabalhos antecederam os de Beauvoir. No entanto, só ganharam destaque no pós-guerra.
- c) A pesquisadora australiana R. W. Connell questionou o patriarcado nos anos 1980 e 1990. Ela também criticou a masculinidade hegemônica, um sistema de poder que classifica os homens masculinos acima daqueles com traços femininos. Tanto o patriarcado quando a masculinidade hegemônica empoderam os homens sobre as mulheres. Segundo a autora, a forma europeia/hegemônica, ligada ao ideal de macho poderoso, agressivo e sem emoções, foi espalhada pelo mundo via globalização, pela mídia.
- d) Na mesma época, a socióloga britânica Sylvia Walby também criticou o patriarcado, dizendo que ele é um sistema de estrutura e práticas sociais no qual os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres através do trabalho pago, da família, do Estado, da violência masculina, das instituições culturais e das atitudes em relação à sexualidade.
- e) Nos anos 1980, a pesquisadora norte-americana Adrienne Rich criticou a heterossexualidade em *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica* (1980). Ela dizia que a heterossexualidade é constituída como se fosse a única sexualidade normal: os homens são vistos como ativos, e as mulheres como passivas. Na

perspectiva da autora, a heterossexualidade é mantida pela ideologia e força. Ela afirmava que a heterossexualidade é uma espécie de sistema de poder que beneficia homens e subjulga mulheres.

- f) Nos anos 1970 e 1980, o historiador britânico Jeffrey Weeks disse que a psicologia e a sexologia condenaram a homossexualidade à anormalidade porque sustentavam firmemente as ideias patriarcais existentes. Isso se deu numa época em que o casamento era visto como essencial à manutenção de uma sociedade estável e saudável. Havia uma preocupação em regular a luxúria dos homens, canalizando-a ao casamento.
- g) O sociólogo norte-americano Steven Seidman apresentou a teoria *queer*, que argumenta que não existe uma sexualidade considerada normal. Diz que a sexualidade é uma construção social, que não existe um original sobre o qual o gênero se baseia e que poucos homens e mulheres se encaixam perfeitamente no sistema sexual binário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tevê brasileira começou a inserir personagens gays e a tratar de outros temas ligados ao sexo nas telenovelas nos anos 1970, no momento em que houve um levante sexual mundo afora, como descrito brevemente na sessão anterior.

No plano micro, os movimentos da época pediam respeito às minorias, direitos iguais, fim do preconceito de gênero, basta ao patriarcado e ao machismo⁹. No plano macro, pode-se considerar que queriam o fim das amarras religiosas (o *pecado*), o fim da censura aos desejos (o *instinto*) e o fim das regulações políticas e normalizadoras (o *controle*).

Concluimos que a tevê brasileira circula por essas três rubricas: ela colabora com a ideia de pecado, sobretudo quando valoriza a contrição religiosa (faz isso por meio de personagens ou ao dar espaço a vozes hegemônicas e a discursos englobantes); provoca o instinto (ao apresentar cenas picantes para cativar uma audiência sedenta por sexo¹⁰); e amplifica o controle político (ao estimular, entre o público, o sexo normalizado).

É preciso reconhecer que a tevê também quebra tabus (quando exhibe cenas como o beijo gay, levando a família brasileira a discutir sobre determinados temas). Por outro lado, estabelece estereótipos (sobretudo quando cria personagens caricatos ou propaga piadas de cunho machista). Ou seja, em se tratando de tevê, talvez valha a máxima que diz que *a verdade está nos olhos de quem vê!*

Em uma sociedade conservadora, fortemente marcada por ensinamentos religiosos, a telenovela brasileira foi abordando temas “polêmicos” ligados ao sexo gradativamente. No caso da homossexualidade, levou 44 anos para ir do caricato, visto com o personagem Rodolfo Augusto, em *Assim na terra como no céu* (1970), ao beijo entre pessoas do mesmo sexo, como em *Amor à Vida* (2014), com Niko e Félix.

Um longo caminho foi percorrido nessas quatro décadas. Em resumo, pode-se dizer que temas ligados à sexualidade vêm sendo “naturalizados” pela tevê, mas não sem resistência. Aqui talvez se possa pensar no copo com água pela metade: os que olharem a metade vazia dirão que demorou muito para se chegar ao nível atual; os que olharem a metade cheia dirão que muito foi feito. Enxergando a questão pela ótica das teorias da comunicação, nota-se que:

- a) a *teoria hipodérmica* não tem predomínio no que se refere às questões sexuais na tevê, uma vez que a informação não atinge a massa de maneira idêntica e sem resistência (prova disso são as diferentes correntes religiosas, com suas diferentes interpretações sobre sexo; e os levantes contra cenas e personagens gays);
- b) a *teoria de Lasswell* tem ainda menos predomínio, uma vez o público não é massa passiva em relação ao sexo (prova disso novamente são os protestos, que já chegaram a “provocar” a morte de personagens gays, como em *Torre de Babel*);
- c) a *teoria da persuasão* parece reproduzir bem a realidade, uma vez que o conteúdo é absorvido de maneira distinta pelo público, segundo perspectivas pessoais (leia-se culturais, religiosas, políticas);
- d) a *teoria empírica de campo* também parece retratar bem a realidade, pois se observa que a mídia tem influência limitada sobre a massa (escola e Igreja também);
- e) a *teoria funcionalista*, que foca o papel da mídia na sociedade, não seus efeitos, talvez apontasse que a tevê brasileira tem contribuído com o debate sobre o sexo, com vistas a reduzir preconceitos e ignorâncias;
- f) a *teoria crítica* talvez indicasse que o controle político que se observa nas entrelinhas da telenovela, regulando comportamentos, vise em última instância à produção de corpos higienizados, economicamente ativos e politicamente dóceis (é uma boa perspectiva);
- g) a *teoria culturológica* também parece retratar bem a realidade, uma vez que a telenovela não produz cultura de massa, mas se baseia em padrões sociais existentes, que surgem da cultura, para modelar seus personagens (a arte imita a vida, ou a vida imita a arte?).

NOTAS

- 1 O amor entre pessoas do mesmo sexo é preferível ao amor entre pessoas de sexos diferentes porque é puro, em vez de voltado à procriação, dizia Platão (427-347 a.C.). A história, no entanto, se encarregou de mudar essa forma de pensar e criou normas ao sexo. Um dos eventos mais notórios ocorreu em 533, quando o imperador cristão Justiniano (483-565) assinou a primeira lei que proibia práticas homossexuais, com pena de morte.
- 2 Em nosso processo civilizador, observa Elias (1994), o quarto de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. “Tal como a maior parte das demais funções corporais, o sono foi sendo transferido para o fundo da vida social. Suas paredes vedam os aspectos mais privados, íntimos, irreprensivelmente animais da existência humana, à vista de outras pessoas” (ELIAS, 1994, p. 164).
- 3 As principais são: hipodérmica (a informação atinge a massa de maneira idêntica e sem resistência); Lasswell (o público é massa passiva que só reage aos estímulos); persuasão (o conteúdo é absorvido de maneira distinta pelo público, segundo perspectivas pessoais); empírica de campo (a mídia tem influência limitada sobre a massa, como escola ou Igreja); funcionalista (foca o papel da mídia na sociedade, não seus efeitos); crítica (vê a mídia como instrumento de influência capitalista); culturológica (a mídia não produz cultura de massa, mas se baseia em padrões sociais existentes, que surgem da cultura).
- 4 Id, ego e superego aparecem na parte final da obra de Freud. Antes, o psicanalista usava os termos consciente, inconsciente e pré-consciente para referir-se à estrutura de controle (COLLIN, 2012, p. 97). A ideia de inconsciente e o desenvolvimento da psicanálise fez de Freud um divisor de águas na Psicologia. Antes dele se pensava na oposição corpo/alma (mundo grego) e na relação corpo/consciência (a partir do século 19). A psicanálise quebra a tradição da Psicologia como ciência da razão; coloca em cena o inconsciente e a importância da afetividade. Ela, segundo observam Bock, Furtado e Teixeira (2003, p. 43), é uma das três tendências teóricas da Psicologia do século 20. As outras duas são o behaviorismo (define o fato psicológico a partir da noção de comportamento) e a gestalt (busca compreender o homem não como uma totalidade).
- 5 Foucault diz que as quatro grandes formas contribuíram para formar, pouco a pouco, uma teoria geral do sexo. As três principais funções são: 1) a noção de sexo permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda a parte; 2) apresentado-se como anatomia e falha, como função e latência, como instinto e sentido pôde marcar a linha de contato entre um saber sobre a sexualidade humana e as ciências biológicas da reprodução; 3) a noção de sexo garantiu uma reversão essencial; permitiu inverter a representação das relações entre o poder e a sexualidade, fazendo-a aparecer não na sua relação essencial e positiva com o poder, porém como ancorada em uma instância específica e irreduzível que o poder tenta da melhor maneira sujeitar.
- 6 Esta ideia está ancorada na teoria da degenerescência, que trata da influência degenerativa da mestiçagem. Benedict Augustin Morel, em 1857, criou a nação clínica da teoria. Mas foi a psicologia criminal, por adaptá-la aos seus estudos, que a popularizou. Em Foucault, a ideia está fundamentada no princípio da tara hereditária (RODRIGUES, 2008).
- 7 Confissão são “todos os procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito” (FOUCAULT, 2015, p. 390).
- 8 Discursos são “um formidável instrumento de controle e de poder” (2015, p. 349). O autor entende que a “a sexualidade não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo através de que o poder se exerce” (2015, p. 353).

9 Estudos de gênero reforçam que o machismo é um conjunto de práticas que atinge mulheres (por considerá-las inferiores) e homens (por obrigar que ajam como machos, por proibi-los de chorar etc). O feminismo busca direitos iguais entre homens e mulheres. Assim, homens podem ser feministas; mulheres podem ser machistas.

10 Baudrillard diz que a “sempre se tenta apanhar o cliente no mesmo lugar: abaixo da cintura” (190).

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**; tradução de Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 2008

BOCK, Ana Mercê Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**, 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999

COLLIN, Catherine (et al). **O livro da psicologia**; tradução de Maria Hermeto e Ana Luisa Martins. São Paulo: Globo, 2012

CORBIN, Alain. A influência da religião. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v. 1; 2 ed; tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994

FONSECA, João José. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

_____. **Em Defesa da Sociedade**; 2 ed. tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010

_____. **Microfísica do poder**; tradução de Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**; tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores)

_____. **Esboço de psicanálise**; tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural, 1978a (Os pensadores)

_____. **Totem e tabu: contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. São Paulo: Cia das Letras, 2012

GÉLIS, Jacques. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da Renascença às luzes**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2012

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**; tradução de Marcos Flamino Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

MATTHEWS-GRIECO, Sara. Corpo e sexualidade na Europa do antigo regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: da Renascença às luzes. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2012

PLATÃO. **O banquete**. Pará de Minas: Virtual Books, 2003

POMBO, Olga. **Epistemologia da Interdisciplinaridade**. Conferência proferida no Colóquio Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade, promovido pela Cátedra Humanismo Latino, Porto, 2007

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. In: **História, Ciência, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, dez. 2008

THORPE, Christopher (et. al.). **O livro da sociologia**. São Paulo: Globo livros, 2015

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa, 1995